



Seminários Essenciais Fundamentos Unidade e Diversidade na Igreja

*Este material foi traduzido pela Igreja Batista Calvário em Pinhais

Aula 3: A Imagem de Deus em Nossa Unidade e Diversidade

I. Introdução

¹Mesmo sendo cristãos, às vezes não sabemos muito bem por que devemos amar os outros. Rangendo os dentes, nos convencemos que devemos amá-los porque Deus assim o diz. Mas esta razão não é suficiente para nos ajudar a amarmos uns aos outros *com alegria*. Não me entenda mal: obedecer por obrigação geralmente é bom e mostra nossa fé. Porém, devemos nos esforçar por algo melhor: obedecer com alegria, como o homem bem-aventurado do Salmo 1. Conforme Filipenses 2 diz, como cristãos, devemos fazer tudo sem murmurar e reclamar, e isso inclui o obedecer. Meus irmãos e irmãs, a obediência alegre deixa Deus muito feliz e nós também.

Então, hoje vamos falar sobre a imagem de Deus, o que às vezes é chamado de *imago dei*, para que nosso dever se transforme em deleite, e assim possamos amar uns aos outros com mais alegria. Vou iniciar fazendo uma declaração marcante e provocativa, na qual basearemos nosso tempo hoje, e, na sequência, vou explicar por que essa doutrina é mais importante do que você imagina. Começemos com a declaração: Fora da *imago dei*, **não conseguimos** encontrar motivação duradoura para amar os que são diferentes de nós. Vamos pensar em alguns motivos alternativos para amar os outros e ver por que eles são insuficientes:

- 1) *Devemos amar as pessoas porque elas contribuem para a sociedade.* E as que não contribuem? Esse tipo de lógica foi o que levou pessoas à eugenia ou mesmo à Alemanha nazista; os nazistas olharam para uma classe de pessoas e disseram que elas não tinham valor para a sociedade. Ou, então, penso em Frank Stephens, um homem com síndrome de down, que recentemente foi ao Capitólio para argumentar contra a lei que iria incentivar o aborto de bebês com síndrome de down. Devido à forma como a nossa sociedade funciona, as razões que Frank deu para pessoas com síndrome de down poderem viver estavam baseadas em como elas podem ser úteis à sociedade. Não é trágico que Frank tenha sentido que precisa declarar sua utilidade para defender o valor de sua vida?
- 2) *Devemos amar as pessoas porque isto nos beneficia.* Jenifer Lopez disse: “*Ame as pessoas pois é isto que faz o mundo girar*”. No entanto, esse seria um amor reativo, não um amor proativo. E, nesse caso, não estaríamos realmente amando pessoas, mas, sim, que o mundo continue girando. As pessoas seriam apenas um meio para conseguir o que queremos. E aqueles que não nos dão o que queremos? Nós os amamos também? E se, no final, amar alguém não nos beneficia? Que motivo teremos então? Em um dos livros de um autor que escreveu sobre a unidade na igreja, ele destacou que, se amarmos as pessoas apenas porque é o que funciona melhor para nós e para os que são como nós, não

¹ O primeiro parágrafo do original em inglês foi retirado do texto traduzido por falta de relevância e/ou aplicabilidade para o professor de EBD brasileiro, sendo aqui registrado: “Now, I know this is core seminar, but it’s gonna feel like Praise Factory for a second, OK? Cause we’re gonna have a little read aloud with uncle Isaac. From *The Big Picture Story Bible*. Here we go (read 24-28). Does being made in God’s image make you very happy? If it doesn’t, I wonder if you’re as happy as you could be when you try to love other people in our church, especially people who aren’t like you?”

existe razão real para mudarmos o *status quo* se essa mudança não for do nosso interesse.² Louvado seja Deus, por Jesus ter nos amado quando isso definitivamente não o beneficiava em nada.

- 3) Devemos amar as pessoas, então, porque... é nosso dever! Paulo diz, em Colossenses 2, que esse tipo de “amor” não tem poder para restringir nossos desejos pecaminosos. Simplesmente conhecer as regras nunca motivou ninguém a amar alguém.
- 4) Então, será que devemos amar as pessoas simplesmente porque nos identificamos com elas? Muitas vezes, é o que fazemos; amamos pessoas que entendemos, pessoas que são como nós. Entretanto, como dito na semana passada, mesmo os descrentes amam pessoas que são como eles, este tipo de amor não diz nada sobre o valor das pessoas que não são como nós.

A doutrina da imagem de Deus, contudo, expressa esse valor e, se não estudarmos a imagem de Deus, estamos propensos a esquecer os perigos horríveis que advêm de entender mal essa doutrina, e talvez até a pensar que nunca poderíamos cair nesses perigos. Não obstante, alguns dos maiores defensores da escravidão de seres humanos eram cristãos. E a imagem de Deus não foi mal compreendida só no passado. Desde o tráfico sexual em becos escuros a revistas inapropriadas nos corredores dos caixas dos supermercados, vivemos numa época que valoriza a desvalorização das pessoas. A forma como tratamos os pobres e o número crescente de abortos devem nos lembrar que, embora essa doutrina possa parecer abstrata e acadêmica, a *imago dei* literalmente tem implicações vitais para todas as pessoas em todos os lugares. Sei que citei alguns exemplos extremos, mas essas implicações se estendem até a como vemos uns aos outros em nossa igreja. Já falaremos mais sobre isso.

Mas primeiro devemos notar que não estudamos a imagem de Deus simplesmente para evitar o perigo. No entanto, quando as implicações da imagem de Deus são aplicadas corretamente, elas não apenas preservam o ser humano, também promovem o crescimento do homem. Então, devido ao que está em risco aqui, vou afirmar que, para entendermos a imagem de Deus, devemos amar as pessoas – especialmente aquelas que percebemos serem diferentes de nós – porque Deus fez todas as pessoas à sua imagem para representá-lo para sua glória. E vamos encontrar suporte para isso nas Escrituras. Vamos percorrer a história da Bíblia, a Grande História de Deus, caminhando pela Criação, Queda, Redenção e Consumação. Vamos olhar para a imagem de Deus em cada capítulo desta Grande História e tirar algumas implicações disso para como devemos amar o nosso próximo. **Antes de começarmos, alguém tem alguma dúvida?**

II. A Imagem de Deus e a Criação (Gn 1.26-28)

Na semana passada, falamos de como Deus é o principal construtor da unidade. Porém, a fonte dessa unidade não remonta apenas ao Calvário, vai até a criação. E, de certa forma, isso não é novidade para muitos de nós. No ensino fundamental americano, são ensinadas estas famosas palavras: “Consideramos estas verdades como autoevidentes, que todos os homens são *criados* iguais, dotados por seu *Criador* de direitos inalienáveis...” Alguém sabe a que documento pertencem essas palavras? (À Declaração da Independência). Mas um documento ainda melhor para os nossos propósitos é a Escritura.

Lemos, em Gênesis 1.26ss, que no início dos tempos Deus disse: “*Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança... Assim Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: — Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra...*” Certo. Estamos no início da história e gostaria de ter certeza de que estamos compreendendo o que está acontecendo. Assim como os reis dos tempos

² George Yancey, *Transcending Racial Barriers*, Oxford University Press (p. 46).

antigos colocavam estátuas ou “imagens” suas nos picos mais altos para mostrar sua fama e domínio, nós também fomos projetados a fim de apontar para algo além de nós mesmos: nosso Criador.

Isso significa que nossas identidades estão indissociavelmente ligadas a Deus e são derivadas dele. Significa também que é nosso dever representar Deus, ser como Deus na terra. O cristianismo tem ensinado consistentemente que independente do que signifique ser feito à imagem de Deus, pelo menos isto significa que Deus criou as pessoas de uma maneira única. Portanto, “a imagem de Deus não é apenas um algo mais que foi acrescentado em nós, como se fôssemos mamíferos um pouco mais avançados. Ela é quem somos em nossa essência, não consiste somente de algumas características melhoradas que possamos ter.”³

Na folha do aluno de vocês está a definição de imagem de Deus na qual vamos trabalhar: *a imagem de Deus é o fundamento da nossa identidade e a principal descrição da nossa missão*, e ambas as realidades significam que devemos amar a Deus e às outras pessoas. A imagem de Deus é tanto um substantivo (identidade) quanto um verbo (a designação do que devemos fazer, de nosso papel). Então, quais são as implicações dessa verdade para nossa igreja e além?

- Isso significa que quando vemos diferenças um nos outros, devemos louvar a Deus por elas. Qual foi a primeira reação de Adão quando viu Eva, alguém que era diferente dele, mas, ao mesmo tempo, também portadora da imagem de Deus? Louvor! Nossas diferenças refletem a criatividade de Deus e quão multifacetado Deus deve ser. Existem 7 bilhões de pessoas no planeta que são diferentes (diversidade), mas que carregam a mesma imagem de Deus (unidade). Embora os chamados individuais possam diferir, refletir a Deus é o chamado principal da humanidade. Isso, disse C.S. Lewis, é “como Deus quis que a humanidade fosse; como músicos em uma banda.”⁴ Amados, deveríamos estar estupefatos pelas pessoas serem a *única criação* que Deus fez *como ele*. Muitas vezes, olhamos uns para os outros à distância, como que por um telescópio. Entender a imagem de Deus é mais parecido com olhar através de um caleidoscópio. Você não fica inspecionando nada especificamente, pelo contrário, fica admirando impressionado a variedade de cores e formas.
- Note também que, em Gênesis 1, nossa identidade é estabelecida antes da descrição de nossa missão. Portanto, quem somos é mais importante do que o que fazemos, e quem somos não depende do que fazemos. Além disso, como todos compartilhamos essa mesma identidade no nível mais fundamental, temos mais em comum uns com os outros do que imaginamos. Essa identidade incrível compartilhada por nós é maior que nossas diferenças. Irmãos, a Bíblia fala mais sobre o que nos une do que sobre o que nos divide.

À luz dessa verdade, vale notar que em Gênesis 1–2, Adão e Eva são etnicamente “neutros”. Eles não são hebreus, nem egípcios. São apresentados sem etnia e sem nacionalidade porque são o pai e a mãe de todas as etnias e nações. Isto quer dizer que não existe uma etnia na terra que reflita mais a imagem de Deus que outra. Portanto, não é apenas a *dignidade* de todos os seres humanos que as Escrituras ligam à criação; é também a *igualdade* de todos eles.

Então, para resumir: a imagem de Deus significa que todas as pessoas são dignas de amor pois cada ser humano é um retrato de Deus e um representante dele. E é por isso que, como disse um teólogo, “qualquer um que tente ver o ser humano à parte de sua relação com Deus sempre fracassará em vê-lo como ele realmente é.”⁵ [tradução própria]. Ou, colocando de forma positiva e poética, o romancista russo Fiódor Dostoiévski disse: “Amar alguém significa vê-lo como Deus planejou que fosse visto”. Mas, muitas vezes, não vemos uns aos outros como Deus deseja, não é? Por que isso acontece? Por causa do pecado! Gênesis 3 – a próxima cena importante na Grande História de Deus – adicionou uma dolorosa camada de complexidade a essa imagem que todos carregamos.

3 Mark Meynell

4 Lewis, C.S. *Mere Christianity*. San Francisco: Harper Collins: 2001 (later printing edition; p. 164-165 – tradução própria). [Em português, este livro se chama *Cristianismo Puro e Simples*.]

5 Anthony Hoekema, *The image of God*, p. 59. [A versão em português chama-se *Criados à imagem de Deus*, publicada pela Editora Cultura Cristã].

III. A Imagem de Deus e a Queda (Gênesis 3-4)

Deixando o substantivo e passando para o verbo, vemos que não demora muito para que nossos primeiros pais, Adão e Eva, falhem em cumprir a descrição da nossa missão – em vez de glorificar a Deus, eles pecaram contra ele. Em vez de tentar *representar* o Rei, eles tentaram *ser* o Rei. E eis uma ironia fascinante: Satanás tentou Eva dizendo que ela poderia ser *como* Deus. Qual a tragédia nisso? Eva já era feita à semelhança de Deus, porque ela foi feita à imagem dele.

Levante a mão quem já viu um celular com a tela quebrada. Eu não sei vocês, mas sempre que minha tela quebra, eu penso “Ah, não!... Como vou usar essa coisa agora?”. Da mesma forma, na Criação, éramos como celulares novos feitos para transmitir e retratar a mensagem da glória de Deus, porém, agora estamos quebrados; temos telas quebradas.

Agora, para deixar claro: não perdemos a imagem de Deus na Queda. Ainda carregamos a identidade e a designação do nosso papel. O fato de podermos refletir a Deus mesmo de maneira distorcida, num mundo caído, só revela a graça de Deus: ele ainda nos permite tomar decisões, nos comunicar e trabalhar. Embora de modo imperfeito, ainda refletimos a imagem de Deus.

Por isso, mesmo após a queda, Deus diz que não podemos matar outras pessoas, porque as pessoas foram feitas à sua imagem (Gênesis 9.6). Entretanto, o que vemos em Gênesis 4, logo após a queda? O primeiro assassinato. Por causa do pecado, nós distorcemos a imagem de Deus de maneiras terríveis naturalmente, e isto não afeta apenas nosso relacionamento com Deus; também afeta nossos relacionamentos uns com os outros. Como os efeitos do pecado se manifestam em nossas vidas?

- ➔ Para começar, o pecado nos torna naturalmente orgulhosos. Por isso Paulo nos ordena, em Romanos 12.16, a não sermos orgulhosos se quisermos nos dar bem uns com os outros. Nós, por natureza, já pensamos que a maneira como somos e fazemos as coisas é a certa. E as pessoas que não se parecem conosco ou não fazem as coisas como nós fazemos estão erradas; na melhor das hipóteses, nós as achamos estranhas e, na pior, nós as consideramos uma ameaça.
- ➔ Além disso, o pecado nos faz valorizar e julgar as pessoas por causa de sua aparência ou do que as vemos fazendo por nós. Seja num pensamento lascivo ou estejamos comparando nós mesmos ou nossas posses às de outra pessoa – nossa tendência natural não é considerar os outros superiores a nós mesmos, nem olhar para as necessidades e interesses deles como Filipenses 2 nos diz para olharmos. Em vez disso, nossa tendência é ver as pessoas simplesmente como um meio de atender às nossas necessidades. Em vez de colocarmos as pessoas feitas à imagem de Deus em primeiro lugar, colocamos a nós mesmos em primeiro lugar.
- ➔ Agora há pouco, falamos sobre louvar a Deus pelas nossas diferenças. O pecado faz com que nosso reflexo natural menospreze as diferenças e não as aprecie. Naturalmente, tememos o que não conhecemos. Mas Provérbios diz que o temor dos homens é uma armadilha (Provérbios 29.25). Dito isso, com quem você prefere falar logo após o término do culto? Que tipo de pessoa você procura convidar para ir à igreja? São sempre pessoas que se parecem com você? (Similaridade é uma coisa boa e vamos falar sobre ela na próxima semana.) Mesmo quando você se aproxima de alguém diferente: está fazendo isso por vê-lo como um projeto digno da sua condescendência ou por considerá-lo um colega digno do seu amor por ter sido feito à imagem de Deus?
- ➔ Outra implicação: em Mateus 5, Jesus disse que se nos irmos injustamente contra alguém, estaremos sujeitos ao juízo que um assassino enfrentará. Já vimos o que o assassinato comunica sobre nosso amor pela imagem de Deus e por aqueles que a carregam. Pense até em como destruímos as pessoas com palavras – inclusive palavras ditas pelas costas (1 Tm 5.13). Será que estamos desfigurando imagens de Deus sem perceber? Advertindo-nos sobre isso, Tiago 3.7-10 diz: “Pois toda espécie de animais, de aves, de répteis e de seres marinhos se doma e tem sido domada pelo gênero humano, mas a língua ninguém é capaz de domar; é mal incontido, cheio de veneno mortal. Com ela, bendizemos o Senhor e Pai; também, com ela,

amaldiçoamos as **peçoas, criadas à semelhança de Deus**. De uma só boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, isso não deveria ser assim.”

A calúnia é uma forma de vandalismo cósmico. Lembre-se de que não é apenas a dignidade de todas as pessoas que as Escrituras atribuem à nossa criação, também a igualdade de todas elas. E é por isso, amigos, que racismo não é falta de educação. Racismo é uma afronta a Deus, um ataque ao seu caráter, criatividade, sabedoria e glória.

Provérbios 14.31: “Quem oprime o pobre insulta aquele que o criou...”

Provérbios 17.5: “Quem zomba do pobre insulta aquele que o criou...”

Desprezo por certas classes sociais, xenofobia, racismo ou qualquer tipo de discriminação que eleve um grupo de pessoas sobre outro, ou coloque um grupo abaixo de outro, não é uma mera gafe ou erro social. Oprimir um companheiro portador da imagem de Deus ou grupo de portadores da imagem divina é uma abominação aos olhos de Senhor equivalente a olhar para ele e virar as costas. Se alguém invadissem sua casa e rasgasse todas as suas fotos, você não iria dizer: “Essa pessoa tem um problema com fotos”. Você diria: “Essa pessoa tem um problema comigo”.

E uma das razões pelas quais deveríamos estar falando sobre a *imago dei* e sobre como esse tipo de problema pode surgir em nossa igreja não é apenas porque a imagem de Deus exige isso (embora ela exija), não é apenas porque o caráter de Deus exige isso (embora ele exija), não é só porque a glória de Deus exige isso (embora ela exija) ou porque a história bíblica exige isso... Estamos falando sobre a imagem de Deus porque a história do Brasil exige isso (e somos uma igreja brasileira) e porque a história dos cristãos exige isso (e somos uma igreja cristã). E, na história do Brasil e na história dos cristãos, a imagem de Deus principalmente nos negros foi atacada por motivos explicitamente teológicos. Os argumentos que defendiam a escravidão e a hierarquia racial foram colocados em termos teológicos (Gênesis 4: a marca de Caim; Gênesis 9: a maldição de Cam; a terrível visão da igreja católica de que os negros não têm alma.).

Não estou dizendo isso para ficarmos intimidados, mas porque nós evangélicos brasileiros não vamos agir de modo correto, se não formos honestos sobre onde erramos. **Alguma pergunta?**

IV. A Imagem de Deus e a Redenção (Romanos 8.29)

Isso pode parecer um sacrilégio, entretanto, tudo o que eu disse até agora sobre a imagem de Deus pode ser dito mesmo daqueles que não confiam em Jesus Cristo. Todas as pessoas são feitas à imagem de Deus. Todas as pessoas a refletem de forma distorcida. Ainda assim, nós sendo *cristãos* em uma igreja *cristã*, vamos falar sobre... Cristo!

Louvamos a Jesus porque ele viveu, morreu e ressuscitou como um substituto para os portadores de imagens estilhaçadas. Rm 8.29 diz que Deus destinou seu povo para ser conforme a imagem de seu Filho. Jesus veio a nós para que pudéssemos ser como ele.

Louve a Jesus! Ele executou perfeitamente a nossa missão de refletir a imagem de Deus. Colossenses 1 nos diz que Jesus é a imagem de seu Pai (Cl 1.15, 19; Hb 1.3 cf. 2 Co 4.4)! A Bíblia diz que os homens que viram Jesus Cristo viram a Deus (João 12.45, 14.9)! Então, quando nos voltamos para Jesus e cremos nele, ganhamos a reputação dele de ter carregado a imagem de Deus com perfeição. Portanto, nosso valor não está no que fazemos como cristãos, mas no que Cristo fez. Muitas vezes, pensamos que se tornar cristão significa que a vida não consiste mais em fazer coisas para nós mesmos e sim para Deus!” Não! Embora nossas ações sejam importantes e glorifiquem a Deus, na melhor das hipóteses, elas são secundárias. A vida, em última análise, tem por objetivo a glória de Deus através do que Cristo fez e fará.

Nós que confiamos no que Cristo fez somos novas criaturas (2 Coríntios 5.16-21). Jesus, acima de tudo é a nossa nova identidade e viver como ele é a nova designação de nossa missão. Paulo descreve essa nova identidade e missão em Colossenses 3. Ele diz que por estarmos sendo renovados

à imagem de Cristo, devemos deixar de lado a ira e a calúnia. Devemos buscar o bem dos outros acima de nós mesmos, pensar o melhor uns dos outros e tudo isso faz parte de amar uns aos outros. Sei que amar o seu próximo pode parecer óbvio. Mas esta é a realidade da vida cristã: não é difícil descobrir quais são os mandamentos de Deus, o difícil é obedecê-los.

E sabemos disso por experiência própria. Vamos apenas tornar isso bem prático, usando algo da vida dos membros desta igreja. Digamos que estamos entrando no salão de cultos da igreja. De um lado dos bancos estão aqueles que parecem ser como nós. Do outro lado, aqueles que percebemos ser diferentes. Imediatamente, fazemos um rápido cálculo mental. Pensamos “nesse lado as pessoas se parecem comigo, portanto, ele é seguro e se é seguro, tenho algo a ganhar... no outro, as pessoas são diferentes de mim, portanto, ele é estranho e se é estranho, tem potencial para danos e perdas, por isso, vou ignorá-los...” Entender nossa unidade na imagem de Deus na criação nos ajuda a ir para o lado supostamente diferente: “Espera aí! Eles são feitos à imagem de Deus como eu, descendentes de Adão como eu, pecadores caídos como eu, com potencial para serem salvos como eu...” E, em Cristo, diremos: “Aleluia! Eles estão milagrosamente salvos como eu! Foram comprados pelo sangue de Cristo como eu! Enchidos com o Espírito Santo como eu! São parte da família de Deus como eu.” Sinclair Ferguson coloca isso lindamente quando diz: “Nossa realidade não é apenas compartilharmos a linhagem de Adão. O sangue de Cristo cria uma linhagem mais profunda que nossos genes”.

No entanto, mesmo quando ouvimos verdades impactantes como essa, quando se trata de conviver com pessoas diferentes de nós semana após semana, amá-las pode ser *difícil*, não é? Mas por quê? Eis o que 2 Coríntios 3.18 diz: “E *todos* nós, com o rosto descoberto, contemplando a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria *imagem*, como pelo Senhor, que é o Espírito.” Você ouviu a expressão “*somos transformados*”? Esse versículo de 2 Coríntios significa que estamos *crescendo* (tempo presente) à imagem de Cristo até o último dia. Isso significa que nenhum de nós aqui é um produto acabado; somos todos uma obra em andamento. Nós ainda vamos errar nessa área. Nossa natureza pecaminosa vai se inflamar e, por isso, Paulo ordena que nós, novas criaturas, suportemos uns aos outros em Colossenses 3. Como suportamos alegremente uns aos outros?

No livro “O significado do casamento”, Tim Keller fala sobre como no dia do casamento dele, sua esposa e ele tinham um ótimo físico. Agora, quando ele faz casamentos, fica tentado a brincar com os noivos, dizendo: “Aproveitem isso agora, porque daqui pra frente é só ladeira abaixo!”. E é fácil acreditar nisso. Contudo, na glória, teremos a imagem mais grandiosa que faz nossa imagem terrena parecer com trapos. Portanto, uma maneira de nos mantermos motivados a amar outra pessoa é imaginar essa pessoa finalmente aperfeiçoada. Em outras palavras, devemos lembrar que Deus está trabalhando nessa outra pessoa. Como Paulo, podemos nos regozijar por Deus estar nos usando para ajudar a preparar alguém para o dia mais glorioso dele(a). E gostaria de falar mais sobre esse último dia glorioso...

V. A Imagem de Deus e a Consumação (1 João 3.2)

Até agora, falamos sobre a imagem de Deus no homem, em Gênesis 1, quando o homem foi criado. Falamos sobre como o homem quebrou essa imagem, em Gênesis 3, e sobre como o Deus-homem encarnado, em Colossenses 1, é a imagem perfeita de Deus, o qual está nos restaurando cada vez mais à sua semelhança, como Colossenses 3 diz.

E, no entanto, não podemos pular a última parte da Grande História de Deus, porque ela é para onde estamos indo e o que nos traz esperança: Cristo virá outra vez. 1 João 3.2 nos diz que “...agora somos filhos de Deus, mas ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é”. Seremos como Deus! E de uma maneira ainda maior que Adão e Eva foram um dia. É disso que se trata a Grande História: a glória de Deus. Ele nos fez para refleti-la. Nós falhamos nisso. Ele esmagou seu próprio filho, que carregava sua imagem perfeitamente, para que nós pudéssemos refleti-la

novamente, de forma ainda mais brilhante. E ele nos guardará até que vejamos seu filho – até que sejamos totalmente como ele.

Vocês anseiam por isso, irmãos e irmãs? Esse grande dia é o evento principal. A igreja local é só um ensaio geral para esse dia. Em Efésios 1.15s, Paulo escrevendo para a igreja em Éfeso, isto é, para outro ensaio geral daquele dia, disse: “Por isso, também eu, tendo ouvido a respeito da fé que vocês têm no Senhor Jesus e do amor para com todos os santos, não cesso de dar graças por vocês, mencionando-os nas minhas orações.” Creio que o que fez a fé da igreja de Éfeso se tornar notícia foi o amor deles por *TODOS* os santos. Os cristãos judeus amavam os cristãos gentios e vice-versa. Eles eram uma só família.

Essa unidade, comprada com o sangue de Cristo, foi a prova que gerou em Paulo confiança na fé dos efésios e, em resposta, ele louvou a Deus. Irmãos e irmãs, louvo a Deus pelo amor e união que vejo o Senhor desenvolvendo aqui na igreja entre os portadores da imagem dele. Acho que se Paulo olhasse para muitas das vidas de vocês, ele louvaria a Deus pelo amor de vocês para com *todos* os santos. E um dia, *todos* os santos estarão reunidos ao redor de Jesus, seremos totalmente como Jesus e muito felizes.

Que História grandiosa! Vamos orar.